

ENSINO DA LEITURA E ESCRITA EM ESCOLAS ISOLADAS RURAIS E URBANAS MATO–GROSSENSES (1930 –1940)

TEREZINHA FERNANDES MARTINS DE SOUZA (NEAD/UFMT), LÁZARA NANJI DE BARROS AMÂNCIO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO).

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar aspectos de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida pelo grupo Alfabetização e Letramento – ALFALE, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), intitulada “Memória da Cultura Escolar Mato–grossense: ensino primário, práticas de leitura e de escrita em grupos escolares, escolas reunidas e isoladas (1910– 1970)”. O recorte visa analisar atividades propostas para o ensino da leitura e da escrita, em diários de classe de professores de escolas isoladas rurais e urbanas mato–grossenses, nas décadas de 30 e 40 do século XX. A opção pelo período vincula–se à localização de fontes documentais pertinentes ao objeto de estudo (diários de classe), bem como a possibilidade de cruzamento com documentos oficiais, especialmente, o Regulamento da Instrução Pública de Mato Grosso (1927), em vigência no período. Os procedimentos utilizados foram a reunião, seleção e análise de diários de classe e documentos oficiais, a partir dos pressupostos da História Cultural. De modo geral, os dados analisados possibilitam observar recorrências nas atividades para o ensino da leitura e da escrita tanto nas escolas isoladas rurais quanto urbanas, nas décadas em estudo. E, ainda, contribuir para a compreensão/composição de uma história do ensino da leitura e escrita em escolas isoladas rurais e urbanas de Mato Grosso.

Palavras-chave:

Ensino da leitura e escrita, Escolas isoladas, Diários de classe.

Introdução

Este artigo aborda aspectos de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida pelo grupo Alfabetização e Letramento - ALFALE/UFMT, intitulada Memória da Cultura Escolar Mato-grossense: ensino primário, práticas de leitura e de escrita em grupos escolares, escolas reunidas e isoladas (1910 - 1970).

O recorte visa analisar atividades propostas para o ensino da leitura e da escrita, em diários de classe de professores de escolas isoladas rurais e urbanas mato-grossenses, nas décadas de 30 e 40 do século XX[1], a fim de observar recorrências e sua relação com as normatizações vigentes no período.

A opção pelo período vincula-se à localização de fontes documentais pertinentes ao objeto de estudo, como diários de classe de professores que lecionaram no período, bem como a possibilidade de cruzamento com documentos oficiais, especialmente, o Regulamento da Instrução Pública de Mato Grosso (1927), em vigência na época.

De modo geral, os dados possibilitaram observar recorrências nas atividades para o ensino da leitura e da escrita, tanto nas escolas isoladas rurais quanto urbanas, nas décadas em estudo. E, ainda, contribuir para a compreensão/composição de uma história do ensino da leitura e escrita em escolas primárias de Mato Grosso.

Cartilhas para ensinar a ler e escrever

Nas décadas de 30 e 40, no Brasil, emerge um novo discurso na educação pública: o de renovação pedagógica e, nesse contexto, o ensino da linguagem (leitura e escrita) foi amplamente discutido, marco da adoção dos princípios da Escola Nova, na maioria dos estados, assim como em Mato Grosso.

De acordo com as prescrições do Regulamento da Instrução Pública de 1927, em vigência nas décadas de 30 e 40, devia empregar-se nas escolas primárias mato-grossenses o método analítico[2], “empregarão, no ensino da leitura, o methodo analytico” (MATO GROSSO, 1927).

Nos relatórios do Diretor Geral da Instrução Pública de Mato Grosso, de 1942 e 1944[3], “o ensino primário obedecia os métodos preconizados pela Escola Nova”. Em declarações no ano de 1944, o Diretor ressalta o rodízio pedagógico, por sua “incontestável eficiência”, era recomendável para que o professor pudesse acompanhar sua turma do 1º ao 4º ano, evitando-se a troca de métodos.

Para concretização da prática evidencia-se como material recorrente, as cartilhas para o ensino da leitura e da escrita, citadas nos diários das professoras. Cada professora usava pelo menos três cartilhas diferentes ao mesmo tempo em sala de aula, possivelmente, por trabalharem com níveis diferentes de aprendizagem, primeira série A, B e C.

Neste texto nos limitaremos a apresentar, o título e ano de uso das cartilhas e livros, a partir das quais foi possível estabelecer relação com os conteúdos e atividades prescritas para o ensino da leitura e escrita nos diários de classe.

QUADRO 1 - Cartilhas e livros usados nas Escolas Isoladas Rurais e Urbanas Mato-Grossenses (1930 a 1944)

| CARTILHAS E LIVROS | AUTOR | ANO DE USO[4] |
|-----------------------------------|-----------------------------------|------------------------------|
| ***Cartilha na Roça | Renato Sêneca Fleury | 1939, 1941 |
| ***ABC Infantil | Não mencionado | 1930, 1939, 1941, 1942, 1943 |
| ***Cartilha das Mães | Arnaldo de Oliveira Barreto | 1930, 1939, 1943 |
| ***Cartilha Meus Deveres | Sales Oliveira Rocha | 1930, 1939, 1941, 1942, 1943 |
| ***Minha Pátria | Pinto e Silva | 1930, 1939, 1942 |
| **Cartilha Nacional | Hilário Ribeiro | 1930, 1939 |
| **Nossa Pátria (livro de leitura) | Rocha Pombo | 1939, 1941 |
| ***Corações de Crianças | Rita M. Barreto | 1939 |
| **Sei Ler | Theodoro Jeronymo de Moraes | 1939, 1942 |
| ***Primeiro Livro de Leitura | Felisberto de Carvalho | 1930, 1939 |
| ***Cartilha da Infância | Thomaz Paulo Bom Sucesso Galhardo | 1941, 1943 |

| | | |
|---------------------|---|------------------------------------|
| ***Cartilha do Povo | Manoel Bergstrom Lourenço Filho | 1939, 1941, 1942, 1943, 1944 |
| *Primeiras Leituras | Manoel Bergstrom Lourenço Filho | 1943 |
| ***Cartilha Amiga | Luciano Lopes | 1941 |
| ***Cartilha Popular | Maria Paula | 1941, 1942, 1943 |
| **Meu Livro | Theodoro Jeronymo de Moraes | 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944 |
| ***Primeiro Livro | Altina Rodrigues de Albuquerque Freitas | 1939, 1940, 1941, 1942, 1943 |

Fonte: Diários de classe de professores primários, solicitação de Escolas Isoladas Rurais e Urbanas e Pedidos e Notas de Materiais da Diretoria Geral da Instrução Pública de Mato Grosso (1930 a 1944)[5]:

Das cartilhas citadas destacaremos apenas a Cartilha “Meu Livro”, de Theodoro Jeronymo de Moraes, de 1909, citada durante o período de 1939 a 1944, por atender as exigências das normatizações em vigência no período. Esta cartilha traz lições em forma de historieta, sob o enunciado “primeiras leituras de accôrdo com o método analytico”, apresenta orientações ao professor, sob o título “Direcção”, evidenciando a sua organização e a forma de utilização pelo professor.

As cartilhas, segundo Correa (2000), além de configurarem um método, são indicadores do projeto de formação social desencadeado pela escola (idéias, valores, comportamentos, temporalidade, espaço e conteúdos) e possibilitam reflexões acerca de sua relação com as políticas educacionais vigentes. Nas escolas mato-grossenses a adoção da referida cartilha justificava-se por atender às prescrições do Regulamento da Instrução Pública de Mato Grosso de 1927, em vigência no período, quanto ao emprego do método analítico.

Entre cópias e ditados: atividades de leitura e escrita

Nas citações presentes nos diários de classe das professoras, em acréscimo a cartilha, surgem como recursos indispensáveis para o ensino da leitura e da escrita, o quadro negro e o caderno. O quadro negro era usado para a professora “passar e tomar” a lição, e o caderno para o aluno “copiar e dar” a lição.

A prática da leitura e escrita, nas décadas de 30 e 40, era entendida como aprendizado que requeria exercícios gradativos, por meio de “explicação” pelo professor e de “treino, fixação, repetição e decoração”, pelo aluno. Conforme registro nos diários de classe das professoras para aprender a ler e escrever era necessário exercitar a oralidade, a leitura, a escrita, a caligrafia e a gramática, a partir de um rigoroso horário, conforme quadro 2.

Quadro 2: Horários e Atividades em Escolas Isoladas Rurais e Urbanas (década de 1930)

| 1º ANO A, B, C DA ESCOLA EXTERNATO SANTA TEREZINHA, DIAMANTINO MT, 1932 | 1º ANO A, B, C DA ESCOLA VISCONDE DE CAYRÚ, CAMPO GRANDE, MT, 1930 |
|--|---|
| <p>14:00 às 15:00 h Leitura na cartilha;</p> <p>15:00 às 15:30 h Recreio;</p> <p>15:30 às 16:30 h - Português;</p> <p>16:30 às 17:00 h Matemática.</p> | <p>7:45 - 8:00 - Entrada, chamada e revista de asseio; 8:00 - 8:35 - Leitura e Calligrafia (as 2as, 3as, 4as e 5as feiras) e Linguagem oral nas 6as feiras;</p> <p>9:00 - 9:25 (nas 2as, 4as, e 6as feiras) linguagem escripta e dictado e nas 3as e 5as feiras Linguagem Oral;</p> <p>9:25 - 9:50 - Recreio;</p> <p>9:50 - 10:00 Forma e entrada; 10:00 - 10:35 Aritmética e logicidade todos os dias úteis;</p> <p>10:35 - 11:00 Noções de Cousas (as 2as 4as e 6as feiras); desenho as 3as feiras e hygiene as 5as feiras.</p> |

Fonte: Diários de classe de professores primários Escola Externato Santa Terezinha, Diamantino MT, 1932 e Escola Visconde de Cayrú, Campo Grande, 1930.

Na parte destinada ao registro diário de atividades há a organização do tempo escolar, marcados por horários e atividades da entrada a saída das aulas, nas 1ª séries A, B, e C a partir dos quais organizamos as atividades do quadro 3.

Quadro 3 : Atividades de Leitura e Escrita em Escolas Isoladas Rurais e Urbanas

| ASPECTO LINGUAGEM | DA | RECURSOS | ATIVIDADES |
|--------------------------|-----------|---|--|
| Linguagem oral | | <p>Gravuras</p> <p>Quadro negro</p> <p>Livro de Leitura</p> | <p>Recapitulação de Sentenças com palavras conhecidas;</p> <p>Interpretação oral de lição;</p> <p>Explicação de lição;</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | | <p>Recitação de Poesia</p> <p>Decoração de poesias (datas cívicas);</p> <p>Cantigas;</p> <p>Histórias cívicas e morais.</p> |
| <p>Lição de Cousas</p> <p>Noções de Cousas</p> | <p>Exposição de Objetos</p> <p>Visitas</p> <p>Passeios</p> | <p>Ouvir palestra sobre o lugar onde nasceu; família;</p> <p>Partes do corpo;</p> <p>Vestuário;</p> <p>Objetos escolares;</p> <p>Relato de fatos conhecidos e interessantes;</p> <p>Conversação;</p> <p>Descrição de objetos;</p> |
| <p>Leitura</p> <p>Leitura individual</p> <p>Leitura sinonímica</p> | <p>Cartilha</p> <p>Quadro negro</p> | <p>Alfabeto</p> <p>Sílabas</p> <p>Palavras</p> <p>Palavras separadas por sílabas;</p> <p>Pequenas sentenças;</p> <p>Sentenças;</p> <p>Lições;</p> <p>Interpretação de lições.</p> |
| <p>Leitura analítica</p> | <p>Livro de Leitura</p> | <p>Reconhecer substantivos, artigos, pronomes e adjetivos.</p> |
| <p>Lição escripta</p> | <p>Quadro negro</p> <p>Caderno</p> <p>Caderno de Caligrafia</p> <p>Papel</p> <p>Livro de leitura</p> | <p>Exercícios com Letras do alfabeto;</p> <p>Dictado</p> <p>Ditado com (apl) de português;</p> <p>Ditado de palavras;</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | | <p>Ditado de sentenças;</p> <p>Ditado de trechos do livro;</p> <p>Cópia de letras do alfabeto;</p> <p>Cópia de sílabas;</p> <p>Cópia de palavras;</p> <p>Cópia de Sentenças;</p> <p>Cópia de frases;</p> <p>Cópia de exercícios;</p> <p>Cópia com modelo;</p> <p>Cópia no caderno de caligrafia</p> <p>Formação de sentenças com palavras conhecidas;</p> <p>Complementação de sentenças.</p> |
| <p>Escrita</p> <p>Linguagem escripta</p> | <p>Quadro negro</p> <p>Caderno</p> <p>Livro de leitura</p> | <p>Ortografia;</p> <p>Substantivos próprios e comuns;</p> <p>Análise gramatical;</p> <p>Lição de substantivos;</p> <p>Gênero masculino e feminino;</p> <p>Singular e Plural;</p> <p>Adjetivos;</p> <p>Artigos e suas classes.</p> |
| <p>Calligrafia</p> <p>Escrita Caligráfica</p> | <p>Caderno de caligrafia</p> | <p>Caligrafia vertical de acordo com o modelo;</p> <p>Cópia de uma página de caligrafia.</p> |

Fonte: Diários de classe de professores primários: Escolas Isoladas Rurais e Urbanas (1930 a 1940).

A partir do registro nos diários e documentos analisados foi possível observar a recorrência dos procedimentos, recursos e atividades para ensinar a ler e escrever.

Para as atividades de *Linguagem Oral*, os exercícios como recapitulação de palavras e sentenças, a interpretação e explicação oral de lições, são as atividades mais recorrentes nos diários de classe analisados, para o desenvolvimento da oralidade. Mas havia também os momentos destinados a recitação de poesia, descrição de gravuras, cantigas e narração de histórias cívicas e morais.

A decoração e a memorização, segundo Possari e Neder (2001), são características marcantes na linguagem como expressão do pensamento e meio para comunicação, materializando-se no ensino prescritivo e descritivo, nesse processo é necessário repetir para memorizar, decorar. A valorização do ensino das letras do alfabeto e das sílabas e palavras[6], como unidade de significação, que uma vez conhecidas, devem ser repetidas por meio do treino oral.

A "*Lição ou Noções de Cousas*", prevista no regulamento de 1927, era contemplado pelas escolas isoladas urbanas. Por meio da observação de objetos, conversação, relatos e palestras sobre temas interessantes, exploração de partes do corpo e peças de vestuário, entre outros.

O objetivo era desenvolver a educação sensível, aguçar os sentidos dos alunos, para ver, tocar, distinguir, medir, comparar. Desse modo, a lição de coisas era concebida por algumas escolas como um exercício aplicado em todas as disciplinas e, por outras, como uma atividade distinta, tendo inclusive hora prevista para sua realização dentro do programa da escola.

As atividades de *Leitura* citadas nos diários fazem referência a leitura individual, leitura sinonímica e leitura analítica e partiam das lições da cartilha. Para desenvolvê-la havia uma fase preparatória, era necessário conhecer as letras do alfabeto, as sílabas, as palavras, depois as sentenças. Em geral a leitura podia ser realizada usando os recursos do quadro negro ou cartilha, por meio de procedimentos como leitura coletiva, em voz alta "em coro" ou individual.

O modo como se lia, característico da época, era baseado em "dar e tomar uma lição", repetidas vezes, momento em que a professora verificava a aprendizagem do aluno "o saber ler". Como ressalta Bittencourt (1996: 95) "a lição do livro caracterizava-se por ser uma repetição oral da palavra escrita".

Em alguns casos há registro de leitura de uma oração como o “pai nosso” ou de uma passagem do “catecismo”. O objetivo da escola era também de ensinar regras de conduta e comportamentos legitimados pela sociedade, por meio da leitura. Outro aspecto observado é a leitura analítica, a qual tinha por finalidade fazer o reconhecimento de elementos constitutivos da língua, substantivos, artigos, pronomes e adjetivos.

A leitura de acordo com as orientações do método analítico, tinha como ponto de partida o conto ou historieta (conjunto de frases relacionadas entre si por meio de nexos lógicos). Como aponta Bittencourt (1996) os adeptos das idéias de renovação pedagógica passam a conceber a leitura sob novos paradigmas, a fim de levar o aluno a desejar ler, formar-se como cidadão, ocupar-se com uma atividade salutar, ser capaz de ler independentemente, apreciar e selecionar leituras recreativas.

Passa-se a valorizar a leitura oral, silenciosa e de interpretação, para além da leitura como decodificação. Segundo Micotti (2000: 54) “materiais concretos deviam ser oferecidos à criança, para o uso na leitura, visando uma leitura com sentido, para a compreensão do que se lia, para assim proceder à análise de seus elementos constitutivos que são símbolos abstratos”.

Para as atividades de *Escrita*, o quadro negro, a cartilha e o caderno de continuam sendo os principais recursos materiais usados pelas professoras e pelos alunos, com o acréscimo do caderno de caligrafia.

As atividades recorrentes são: cópia no caderno (letras, sílabas, palavras, sentenças, trechos da cartilha, gramática e ortografia), ditado (palavras, sentenças, trechos da cartilha) e caligrafia. De acordo com Mortatti (2000), essas atividades fazem parte de uma tradição escolar de séculos passados. Até a metade do século XIX, essa era uma prática quase exclusiva exercida nas escolas brasileiras, com ênfase na ortografia, na gramática e no desenho perfeito das letras.

Era possível a realização de um número considerável do mesmo exercício diariamente, semanalmente ou ao término de cada unidade de ensino, como forma de fixação, recorrendo-se ao *Ditado*. Esse procedimento era utilizado como meio de comprovação do “saber escrever”.

Por meio da *Cópia* era exercitado o treino do traçado de letras, sílabas, palavras e sentenças, as quais eram copiadas pelo aluno do quadro negro ou da cartilha, como forma de repetição e memorização. Essa proposta de escrita não tinha preocupação com os seus usos e funções sociais.

A *Gramática* era trabalhada durante as conversações e atividades escritas por meio da cópia, utilizava-se da nomenclatura especial, como substantivos próprios e comuns, gênero masculino e feminino, plural e singular, adjetivos, pronomes, artigos e suas classes.

A cópia, o ditado e a caligrafia, eram usados também para as atividades de *Ortografia*, pois o zelo na correção dos erros ortográficos nas escritas diárias dos alunos era uma premissa de bom professor, as escritas sem perfeita correção poderiam desacreditar o seu trabalho. Conforme Vidal e Esteves (2003) a idéia de boa escrita, como hábito de higiene, de disciplina corporal e mental, legibilidade, disposição elegante e estética, foi muito presente na tradição escolar brasileira nas primeiras décadas do século XX.

Os exercícios de *Caligrafia* também faziam parte das atividades de escrita diária. A associação entre caligrafia e ortografia era prevista no âmbito dos programas oficiais para as escolas públicas brasileiras. Conforme Vidal e Esteves (2003: 135) "sua permanência, apontava também para a sintonia dos exercícios caligráficos aos afazeres ordinários da classe, no sentido de manter o aluno ocupado, enquanto liberava a professora para atender outros alunos durante o horário de aula".

A associação entre caligrafia e ortografia era prevista no âmbito dos programas oficiais para as escolas públicas brasileiras. Esta é uma discussão antiga, no Brasil, todavia, houve "uma discussão mais acirrada entre 1910 e 1940, sobre a eficácia dos modelos caligráficos que atingiam as escolas primárias, como: Modelo Inclinado, Modelo Vertical e Modelo Muscular" (VIDAL E ESTEVES, 2003: 119). A professora passava o modelo no quadro ou no próprio caderno de caligrafia, para que o aluno procedesse o exercício de cópia. Apenas duas professoras citam em seus diários o modelo caligráfico vertical[7], muito utilizado no estado de São Paulo, até 1940.

As formas diferenciadas de apropriação, segundo Chartier (2002), acionam construções, composições, figuras, tentativas de enunciar, de elaborar um discurso o mais aproximado possível daquilo que foi vivenciado na instituição escolar, evidenciando a continuidade da leitura em voz alta "em coro", a cópia, o ditado e a caligrafia, assim como o movimento de mudança na busca de incorporação do método analítico, materializando-se na adoção de cartilhas que contemplavam lições e atividades para o ensino da leitura e escrita de acordo com as normatizações oficiais.

Considerações finais

Para a concretização da prática de ensino da leitura e escrita, nas escolas isoladas rurais e urbanas mato-grossenses, nas décadas de 30 e 40, as professoras usavam as cartilhas como referência, mas estas nem sempre eram portadoras do método analítico, prescrito no regulamento em vigência no período. Isso porque, segundo Julia (2001), as rupturas culturais nem sempre conseguem romper a idéia da tradição na escola primária.

Assim, a tradição escolar herdada pelas professoras primárias fazia com que a prática do ensino da leitura e da escrita fosse iniciada pelo processo alfabético e silábico, por meio da soletração, princípios do método sintético. De acordo com Micotti (1970) este método pode ser empregado também por meio do processo fônico.

Concomitantemente a esta prática, há evidências de atividades nos diários de classe envolvendo sentenças, poesia; descrição de objetos; cantigas e histórias, provavelmente em função da adoção de material instrucional (cartilhas) de acordo com o método analítico, considerado inovador para a época e pedagogicamente significativo para o aluno, prescrito nas normatizações oficiais para o ensino primário mato-grossense no período.

Recorrendo a Arendt (1968) observamos a estreita relação entre tradição e inovação, pois se por um lado, houve a concretização das normatizações vigentes e por outro, a cristalização de práticas na cultura escolar. Do ponto de vista de Forquin (1992: 29) essa prática “perdura vindo a enriquecer o tesouro comum dos homens, aquilo que as gerações produzem de mais forte, de mais original e de mais incontestável, que a escola tem justamente por papel identificar, de consagrar e de transmitir”.

Referencias Bibliográficas

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. **Ensino de Leitura na Escola Primária no Mato Grosso: contribuições para o estudo de aspectos de um discurso**

institucional no início do século XX. Marília – SP, 2000. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP.

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro.** 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Práticas de Leitura em Livros Didáticos. In: **Revista Faculdade Educação São Paulo.** V 22, nº 1, jan/jun, 1996.

BRASLAVSKY, Berta. **Problemas e Métodos no Ensino da Leitura.** São Paulo: Melhoramentos e Editora da USP, 1971.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bijongal. **Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. Organizando as Classes de Alfabetização: processos e métodos. In: **MEC/TV Escola: Salto para o Futuro. PGM 4. Boletim: Alfabetização, Leitura e Escrita.** Março de 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** 2 ed. Portugal: DIFEL- Difusão Editorial S.A, 2002

CORREA, Rosa Lyda Teixeira. O livro Escolar como Fonte de Pesquisa em História da Educação. In: **Cadernos CEDES 52.** Cultura Escolar: história, práticas e representações. Campinas – SP: Unicamp, 2000.

CORRÊA, Estevão Alves. Presidente do Estado de Mato Grosso. **Mensagem à Assembléia Legislativa,** 1925.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes Escolares, Imperativos Didáticos e Dinâmicas Sociais. In: **Revista Teoria & Educação.** v. 5, 1992.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE, 1º n°. Autores Associados: Campinas – São Paulo, 2001.

MATO GROSSO. **Regulamento da Instrução Pública Primária**. Cuiabá, 1927.

MENDES, Francisco Alexandre Ferreira. **Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública referente ao ano de 1942 e 1944**. Impresso.

MIARALET, Gaston. Métodos, Técnicas e Processos. In: **La Apprendissage de la Lecture**. Trad. Eduardo Saló. Press Universidade de France, 2 ed. Editorial Estampa, 1968.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. **Métodos de Alfabetização e o Processo de Compreensão**. Arquivos Rioclarenses de Educação. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro-SP, 1970.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os Sentidos da Alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP/COMPED, 2000.

_____. Cartilha de Alfabetização e Cultura Escolar: um pacto secular. In: **Cadernos Cedex**, ano XX, nº 52, nov/2000.

POSSARI, Lúcia Helena Vendrusculo & NEDER, Maria Lúcia Cavalli. **Linguagem: o ensino, o entorno, o percurso**. 2 ed. Cuiabá: EdUFMT, 2001 (v.2)

VIDAL, Diana Gonçalves & ESTEVES, Isabel de Lourdes. Modelos Caligráficos Recorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1920 – 1940). In: TAMBARA, Eleomar. **Livros Escolares e Ensino da Leitura e da Escrita no Brasil (séculos XIX –XX)**. Pelotas: Seiva, 2003.

[1] Diários de classe de professoras primárias: 1ª Escola Urbana Masculina e 1ª Escola Urbana Feminina, 53 p. (1941, 1942 e 1943). Escolas Isoladas Rurais: Córrego Fundo, Pontezinha, Gatinho, (1939 a 1943). Colégio Externato Santa Terezinha. 53 p. (1939 a 1943). Arquivo da Escola Estadual Plácido de Castro, Diamantino - MT, 2005. Solicitação da Escola Mista da Povoação do Engenho Velho, município de Santo Antonio do Rio Abaixo (1930); Relação Nominal de Utensílios - Escola Mista da Povoação de Rondonópolis (1930); Solicitação da Escola Mista Coronel Ponce, Cuiabá (1930); Solicitação da Escola Isolada Rural do Sexo Masculino, da Povoação de Melgaço (1930); Pedido e nota de Material da Diretoria Geral da Instrução Pública de Mato Grosso (1942, 1943 e 1944). Arquivo do Centro de Documentação Escolar, Cuiabá - MT, 2004.

[2] Neste método o “ponto de partida é a palavra, a frase ou o texto, o seu princípio básico é ir do complexo ao simples, do concreto ao abstrato. Deve-se oferecer à criança um conjunto de símbolos escritos tal como se apresentam na leitura do adulto; isto é, materiais reais, concretos, que têm sentido à aprendizagem. A partir daí, o caminho consiste na análise de seus elementos constitutivos que são símbolos abstratos” (MICOTTI, 1979). De acordo com a classificação dada aos métodos em sintéticos ou analíticos, na XII Conferência Internacional de Educação, estes podem ser divididos em três grupos: a) método sintético (alfabético, fônico e silabação), método analítico, ideo-visual ou global (palavra, frase ou texto) e método analítico-sintético (uma combinação dos dois anteriores) (MICOTTI, 1970: 48-9).

[3] Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública, Francisco Alexandre Ferreira Mendes (1942 e 1944). Arquivo Público de Mato Grosso – APMT. Impresso.

[4] A convenção com asteriscos representa onde a cartilha foi usada: (***) em escolas isoladas rurais e urbanas; (**) em escolas isoladas rurais e (*) em escolas isoladas urbanas.

[5] Córrego Fundo, Pontezinha, Gatinho, (1939 a 1943), 53 p; 1ª Escola Urbana Masculina e 1ª Escola Urbana Feminina, 53 p. (1941, 1942 e 1943); Colégio Externato Santa Terezinha. 53 p. (1939 a 1943). Arquivo da Escola Estadual Plácido de Castro, Diamantino - MT, 2005. Solicitação da Escola Mista da Povoação do Engenho Velho, município de Santo Antonio do Rio Abaixo (1930); Relação Nominal de Utensílios - Escola Mista da Povoação de Rondonópolis, 1930; Solicitação da Escola Mista Coronel Ponce, Cuiabá (1930); Solicitação da Escola Isolada Rural do Sexo Masculino, da Povoação de Melgaço, (1930); Pedido e nota de Material da Diretoria Geral da Instrução Pública de Mato Grosso (1942, 1943 e 1944). Arquivo do Centro de Documentação Escolar, Cuiabá - MT, 2004.

[6] Ambos os processos, silabação ou palavração, segundo Miarale (1968: 22) “procuram fazer a criança compreender a existência de uma certa correspondência entre os símbolos da língua escrita e os sons da língua falada”. Para tal, a iniciação na silabação se dá pelo estudo dos símbolos (sons elementares), enquanto na palavração, coloca-se a criança perante a linguagem escrita tão complexa quanto possa se apresentar.

[7] A defesa do Modelo Caligráfico Vertical teve início em São Paulo em 1910, relacionava-se ao método analítico de ensino da leitura. Anterior a este período, no final do século XIX, o Modelo Caligráfico Inclinado, era o mais recomendado para o trabalho comercial. Seu aprendizado inicia-se pelo traçado de pauzinhos e debuchos, seguido de um laborioso trabalho de cópia. Outro Modelo Caligráfico é o Muscular, que teve início em São Paulo, em 1926, que se desenvolvia com exercícios de coordenação motora, ora ritmados por simples contagem ora por meio de palmas, associados à uma música (VIDAL e ESTEVES, 2003: 129-0).

ENSINO DA LEITURA E ESCRITA EM ESCOLAS ISOLADAS RURAIS E URBANAS MATO-GROSSENSES (1930-1940)

SOUZA. Terezinha Fernandes Martins de Souza. UFMT.
AMANCIO. Lázara Nanci de Barros Amâncio. UFMT.

Introdução

Este artigo aborda aspectos de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida pelo grupo Alfabetização e Letramento - ALFALE/UFMT, intitulada Memória da Cultura Escolar Mato-grossense: ensino primário, práticas de leitura e de escrita em grupos escolares, escolas reunidas e isoladas (1910 - 1970).

O recorte visa analisar atividades propostas para o ensino da leitura e da escrita, em diários de classe de professores de escolas isoladas rurais e urbanas mato-grossenses, nas décadas de 30 e 40 do século XX¹, a fim de observar recorrências e sua relação com as normatizações vigentes no período.

A opção pelo período vincula-se à localização de fontes documentais pertinentes ao objeto de estudo, como diários de classe de professores que lecionaram no período, bem como a possibilidade de cruzamento com documentos oficiais, especialmente, o Regulamento da Instrução Pública de Mato Grosso (1927), em vigência na época.

De modo geral, os dados possibilitaram observar recorrências nas atividades para o ensino da leitura e da escrita, tanto nas escolas isoladas rurais quanto urbanas, nas décadas em estudo. E, ainda, contribuir para a compreensão/composição de uma história do ensino da leitura e escrita em escolas primárias de Mato Grosso.

Cartilhas para ensinar a ler e escrever

Nas décadas de 30 e 40, no Brasil, emerge um novo discurso na educação pública: o de renovação pedagógica e, nesse contexto, o ensino da linguagem (leitura e

1 Diários de classe de professoras primárias: 1ª Escola Urbana Masculina e 1ª Escola Urbana Feminina, 53 p. (1941, 1942 e 1943). Escolas Isoladas Rurais: Córrego Fundo, Pontezinha, Gatinho, (1939 a 1943). Colégio Externato Santa Terezinha. 53 p. (1939 a 1943). Arquivo da Escola Estadual Plácido de Castro, Diamantino - MT, 2005. Solicitação da Escola Mista da Povoação do Engenho Velho, município de Santo Antonio do Rio Abaixo (1930); Relação Nominal de Utensílios - Escola Mista da Povoação de Rondonópolis (1930); Solicitação da Escola Mista Coronel Ponce, Cuiabá (1930); Solicitação da Escola Isolada Rural do Sexo Masculino, da Povoação de Melgaço (1930); Pedido e nota de Material da Diretoria Geral da Instrução Pública de Mato Grosso (1942, 1943 e 1944). Arquivo do Centro de Documentação Escolar, Cuiabá - MT, 2004.

escrita) foi amplamente discutido, marco da adoção dos princípios da Escola Nova, na maioria dos estados, assim como em Mato Grosso.

De acordo com as prescrições do Regulamento da Instrução Pública de 1927, em vigência nas décadas de 30 e 40, devia empregar-se nas escolas primárias mato-grossenses o método analítico², “empregarão, no ensino da leitura, o methodo analytic” (MATO GROSSO, 1927).

Nos relatórios do Diretor Geral da Instrução Pública de Mato Grosso, de 1942 e 1944³, “o ensino primário obedecia os métodos preconizados pela Escola Nova”. Em declarações no ano de 1944, o Diretor ressalta o rodízio pedagógico, por sua “incontestável eficiência”, era recomendável para que o professor pudesse acompanhar sua turma do 1º ao 4º ano, evitando-se a troca de métodos.

Para concretização da prática evidencia-se como material recorrente, as cartilhas para o ensino da leitura e da escrita, citadas nos diários das professoras. Cada professora usava pelo menos três cartilhas diferentes ao mesmo tempo em sala de aula, possivelmente, por trabalharem com níveis diferentes de aprendizagem, primeira série A, B e C.

Neste texto nos limitaremos a apresentar, o título e ano de uso das cartilhas e livros, a partir das quais foi possível estabelecer relação com os conteúdos e atividades prescritas para o ensino da leitura e escrita nos diários de classe.

QUADRO 1 - Cartilhas e livros usados nas Escolas Isoladas Rurais e Urbanas Mato-Grossenses (1930 a 1944)

| CARTILHAS E LIVROS | AUTOR | ANO DE USO⁴ |
|---------------------------|-----------------------------|-------------------------------|
| ***Cartilha na Roça | Renato Sêneca Fleury | 1939, 1941 |
| ***ABC Infantil | Não mencionado | 1930, 1939, 1941, 1942, 1943 |
| ***Cartilha das Mães | Arnaldo de Oliveira Barreto | 1930, 1939, 1943 |
| ***Cartilha Meus Deveres | Sales Oliveira Rocha | 1930, 1939, 1941, 1942, |

² Para Braslavsky (1971: 75), o método analítico “parte da idéia interessante e viva, expressada pela frase e pela palavra, para chegar no momento desejado, por meio da análise, à sílaba e à letra e, finalmente pela síntese, à reconstrução de novas palavras”. Neste método o “ponto de partida é a palavra, a frase ou o texto, o seu princípio básico é ir do complexo ao simples, do concreto ao abstrato. Deve-se oferecer à criança um conjunto de símbolos escritos tal como se apresentam na leitura do adulto; isto é, materiais reais, concretos, que têm sentido à aprendizagem. A partir daí, o caminho consiste na análise de seus elementos constitutivos que são símbolos abstratos” (MICOTTI, 1979). De acordo com a classificação dada aos métodos em sintéticos ou analíticos, na XII Conferência Internacional de Educação, estes podem ser divididos em três grupos: a) método sintético (alfabético, fônico e silabação), método analítico, ideo-visual ou global (palavra, frase ou texto) e método analítico-sintético (uma combinação dos dois anteriores) (MICOTTI, 1970: 48-9).

³ Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública, Francisco Alexandre Ferreira Mendes (1942 e 1944). Arquivo Público de Mato Grosso – APMT. Impresso.

⁴ A convenção com asteriscos representa onde a cartilha foi usada: (***) em escolas isoladas rurais e urbanas; (**) em escolas isoladas rurais e (*) em escolas isoladas urbanas.

| | | |
|-----------------------------------|---|------------------------------------|
| | | 1943 |
| ***Minha Pátria | Pinto e Silva | 1930, 1939, 1942 |
| **Cartilha Nacional | Hilário Ribeiro | 1930, 1939 |
| **Nossa Pátria (livro de leitura) | Rocha Pombo | 1939, 1941 |
| ***Corações de Crianças | Rita M. Barreto | 1939 |
| **Sei Ler | Theodoro Jeronymo de Moraes | 1939, 1942 |
| ***Primeiro Livro de Leitura | Felisberto de Carvalho | 1930, 1939 |
| ***Cartilha da Infância | Thomaz Paulo Bom Sucesso Galhardo | 1941, 1943 |
| ***Cartilha do Povo | Manoel Bergstrom Lourenço Filho | 1939, 1941, 1942, 1943, 1944 |
| *Primeiras Leituras | Manoel Bergstrom Lourenço Filho | 1943 |
| ***Cartilha Amiga | Luciano Lopes | 1941 |
| ***Cartilha Popular | Maria Paula | 1941, 1942, 1943 |
| **Meu Livro | Theodoro Jeronymo de Moraes | 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944 |
| ***Primeiro Livro | Altina Rodrigues de Albuquerque Freitas | 1939, 1940, 1941, 1942, 1943 |

Fonte: Diários de classe de professores primários, solicitação de Escolas Isoladas Rurais e Urbanas e Pedidos e Notas de Materiais da Diretoria Geral da Instrução Pública de Mato Grosso (1930 a 1944)⁵:

Das cartilhas citadas destacaremos apenas a Cartilha “Meu Livro”, de Theodoro Jeronymo de Moraes, de 1909, citada durante o período de 1939 a 1944, por atender as exigências das normatizações em vigência no período. Esta cartilha traz lições em forma de historieta, sob o enunciado “primeiras leituras de accôrdo com o método analytic”, apresenta orientações ao professor, sob o título “Direcção”, evidenciando a sua organização e a forma de utilização pelo professor.

As cartilhas, segundo Correa (2000), além de configurarem um método, são indicadores do projeto de formação social desencadeado pela escola (idéias, valores, comportamentos, temporalidade, espaço e conteúdos) e possibilitam reflexões acerca de sua relação com as políticas educacionais vigentes. Nas escolas mato-grossenses a adoção da referida cartilha justificava-se por atender às prescrições do Regulamento da Instrução Pública de Mato Grosso de 1927, em vigência no período, quanto ao emprego do método analítico⁶.

⁵ Córrego Fundo, Pontezinha, Gatinho, (1939 a 1943), 53 p; 1ª Escola Urbana Masculina e 1ª Escola Urbana Feminina, 53 p. (1941, 1942 e 1943); Colégio Externato Santa Terezinha. 53 p. (1939 a 1943). Arquivo da Escola Estadual Plácido de Castro, Diamantino - MT, 2005. Solicitação da Escola Mista da Povoação do Engenho Velho, município de Santo Antonio do Rio Abaixo (1930); Relação Nominal de Utensílios - Escola Mista da Povoação de Rondonópolis, 1930; Solicitação da Escola Mista Coronel Ponce, Cuiabá (1930); Solicitação da Escola Isolada Rural do Sexo Masculino, da Povoação de Melgaço, (1930); Pedido e nota de Material da Diretoria Geral da Instrução Pública de Mato Grosso (1942, 1943 e 1944). Arquivo do Centro de Documentação Escolar, Cuiabá - MT, 2004.

⁶ De acordo com Possari e Neder (2001), nesse processo, privilegia-se a competência lingüística, apesar de, ainda, considerar tão somente a linguagem padrão. O que há de distinto é a unidade de análise, a sentença, a partir da cartilha, que passa a trazer pequenos textos ou historietas. Fato que está ligado às mudanças conceituais ocorridas no campo da alfabetização, trazendo mudanças também nas decisões metodológicas e nos procedimentos didáticos a ela relacionados.

Entre cópias e ditados: atividades de leitura e escrita

Nas citações presentes nos diários de classe das professoras, em acréscimo a cartilha, surgem como recursos indispensáveis para o ensino da leitura e da escrita, o quadro negro e o caderno⁷. O quadro negro era usado para a professora “passar e tomar” a lição, e o caderno para o aluno “copiar e dar” a lição.

A prática da leitura e escrita, nas décadas de 30 e 40, era entendida como aprendizado que requeria exercícios gradativos, por meio de “explicação” pelo professor e de “treino, fixação, repetição e decoração”, pelo aluno. Conforme registro nos diários de classe das professoras para aprender a ler e escrever era necessário exercitar a oralidade, a leitura, a escrita, a caligrafia e a gramática⁸, a partir de um rigoroso horário, conforme quadro 2.

Quadro 2: Horários e Atividades em Escolas Isoladas Rurais e Urbanas (década de 1930)

| 1º ANO A, B, C DA ESCOLA EXTERNATO SANTA TEREZINHA, DIAMANTINO MT, 1932 | 1º ANO A, B, C DA ESCOLA VISCONDE DE CAYRÚ, CAMPO GRANDE, MT, 1930 |
|---|--|
| 14:00 às 15:00 h Leitura na cartilha; 15:00 às 15:30 h Recreio; 15:30 às 16:30 h - Português; 16:30 às 17:00 h Matemática. | 7:45 - 8:00 - Entrada, chamada e revista de asseio; 8:00 - 8:35 - Leitura e Calligrafia (as 2as, 3as, 4as e 5as feiras) e Linguagem oral nas 6as feiras; 9:00 - 9:25 (nas 2as, 4as, e 6as feiras) linguagem escrita e dictado e nas 3as e 5as feiras Linguagem Oral; 9:25 - 9:50 - Recreio; 9:50 - 10:00 Forma e entrada; 10:00 - 10:35 Aritmética e logicidade todos os dias úteis; 10:35 - 11:00 Noções de Cousas (as 2as 4as e 6as feiras); desenho as 3as feiras e hygiene as 5as feiras. |

Fonte: Diários de classe de professores primários Escola Externato Santa Terezinha, Diamantino MT, 1932 e Escola Visconde de Cayrú, Campo Grande, 1930.

Na parte destinada ao registro diário de atividades há a organização do tempo escolar, marcados por horários e atividades da entrada a saída das aulas, nas 1ª séries A, B, e C a partir dos quais organizamos as atividades do quadro 3.

⁷ Em algumas passagens as professoras citam além do caderno de caligrafia, o caderno de linguagem.

⁸ O programa para o ensino da leitura e da escrita dividia-se em Linguagem Oral, Linguagem Escrita, Caligrafia, Gramática e Leitura.

Quadro 3 : Atividades de Leitura e Escrita em Escolas Isoladas Rurais e Urbanas

| ASPECTO DA LINGUAGEM | RECURSOS | ATIVIDADES |
|---|---|--|
| Linguagem oral | Gravuras Quadro negro Livro de Leitura | Recapitulação de Sentenças com palavras conhecidas; Interpretação oral de lição; Explicação de lição; Recitação de Poesia Decoração de poesias (datas cívicas); Cantigas; Histórias cívicas e morais. |
| Lição de Cousas Noções de Cousas | Exposição de Objetos Visitas Passeios | Ouvir palestra sobre o lugar onde nasceu; família; Partes do corpo; Vestuário; Objetos escolares; Relato de fatos conhecidos e interessantes; Conversação; Descrição de objetos; |
| Leitura Leitura individual Leitura sinonímica | Cartilha Quadro negro | Alfabeto Sílabas Palavras Palavras separadas por sílabas; Pequenas sentenças; Sentenças; Lições; Interpretação de lições. |
| Leitura analítica | Livro de Leitura | Reconhecer substantivos, artigos, pronomes e adjetivos. |
| Lição escripta | Quadro negro Caderno Caderno de Caligrafia Papel Livro de leitura | Exercícios com Letras do alfabeto; Dictado Ditado com (apl) de português; Ditado de palavras; Ditado de sentenças; Ditado de trechos do livro; Cópia de letras do alfabeto; Cópia de sílabas; Cópia de palavras; Cópia de Sentenças; Cópia de frases; Cópia de exercícios; Cópia com modelo; Cópia no caderno de caligrafia Formação de sentenças com palavras conhecidas; Complementação de sentenças. |
| Escrita Linguagem escripta | Quadro negro Caderno Livro de leitura | Ortografia; Substantivos próprios e comuns; Análise gramatical; Lição de substantivos; Gênero masculino e feminino; Singular e Plural; Adjetivos; Artigos e suas classes. |

| | | |
|------------------------------------|-----------------------|---|
| Calligrafia Escrita Caligráfica | Caderno de caligrafia | Caligrafia vertical de acordo com o modelo; Cópia de uma página de caligrafia. |
|------------------------------------|-----------------------|---|

Fonte: Diários de professores primários: Escolas Isoladas Rurais Mistas Córrego Fundo, Pontezinha, Gatinho, (1939 a 1943), 53 p. 1ª Escola Urbana Masculina e 1ª Escola Urbana Feminina, 53 p. (1941, 1942 e 1943). Colégio Externato Santa Terezinha. 53 p. 1939 a 1943. Arquivo da Escola Estadual Plácido de Castro, 2005 e Relatório da Escola Visconde de Cayrú, Campo Grande, 1930. Arquivo do Centro de Documentação Escolar, Cuiabá - MT, 2004.

A partir do registro nos diários e documentos analisados foi possível observar a recorrência dos procedimentos, recursos e atividades para ensinar a ler e escrever.

Para as atividades de *Linguagem Oral*, os exercícios como recapitulação de palavras e sentenças, a interpretação e explicação oral de lições, são as atividades mais recorrentes nos diários de classe analisados, para o desenvolvimento da oralidade. Mas havia também os momentos destinados a recitação de poesia, descrição de gravuras, cantigas e narração de histórias cívicas e morais.

A decoração e a memorização, segundo Possari e Neder (2001), são características marcantes na linguagem como expressão do pensamento e meio para comunicação, materializando-se no ensino prescritivo e descritivo, nesse processo é necessário repetir para memorizar, decorar. A valorização do ensino das letras do alfabeto e das sílabas e palavras⁹, como unidade de significação, que uma vez conhecidas, devem ser repetidas por meio do treino oral.

A “*Lição ou Noções de Cousas*”, prevista no regulamento de 1927, era contemplado pelas escolas isoladas urbanas. Por meio da observação de objetos, conversação, relatos e palestras sobre temas interessantes, exploração de partes do corpo e peças de vestuário, entre outros.

O objetivo era desenvolver a educação sensível, aguçar os sentidos dos alunos, para ver, tocar, distinguir, medir, comparar. Desse modo, a lição de coisas era concebida por algumas escolas como um exercício aplicado em todas as disciplinas e, por outras, como uma atividade distinta, tendo inclusive hora prevista para sua realização dentro do programa da escola.

As atividades de *Leitura* citadas nos diários fazem referência a leitura individual, leitura sinonímica e leitura analítica e partiam das lições da cartilha. Para desenvolvê-la

⁹ Ambos os processos, silabação ou palavração, segundo Miarlet (1968: 22) “procuram fazer a criança compreender a existência de uma certa correspondência entre os símbolos da língua escrita e os sons da língua falada”. Para tal, a iniciação na silabação se dá pelo estudo dos símbolos (sons elementares), enquanto na palavração, coloca-se a criança perante a linguagem escrita tão complexa quanto possa se apresentar.

havia uma fase preparatória, era necessário conhecer as letras do alfabeto, as sílabas, as palavras¹⁰, depois as sentenças. Em geral a leitura podia ser realizada usando os recursos do quadro negro ou cartilha, por meio de procedimentos como leitura coletiva, em voz alta “em coro” ou individual.

O modo como se lia, característico da época, era baseado em “dar e tomar uma lição”, repetidas vezes, momento em que a professora verificava a aprendizagem do aluno “o saber ler”. Como ressalta Bittencourt (1996: 95) “a lição do livro caracterizava-se por ser uma repetição oral da palavra escrita”.

Em alguns casos há registro de leitura de uma oração como o “pai nosso” ou de uma passagem do “catecismo”. O objetivo da escola era também de ensinar regras de conduta e comportamentos legitimados pela sociedade, por meio da leitura. Outro aspecto observado é a leitura analítica, a qual tinha por finalidade fazer o reconhecimento de elementos constitutivos da língua, substantivos, artigos, pronomes e adjetivos.

A leitura de acordo com as orientações do método analítico, tinha como ponto de partida o conto ou historieta (conjunto de frases relacionadas entre si por meio de nexos lógicos). Como aponta Bittencourt (1996) os adeptos das idéias de renovação pedagógica passam a conceber a leitura sob novos paradigmas, a fim de levar o aluno a desejar ler, formar-se como cidadão, ocupar-se com uma atividade salutar, ser capaz de ler independentemente, apreciar e selecionar leituras recreativas.

Passa-se a valorizar a leitura oral, silenciosa e de interpretação, para além da leitura como decodificação. Segundo Micotti (2000: 54) “materiais concretos deviam ser oferecidos à criança, para o uso na leitura, visando uma leitura com sentido, para a compreensão do que se lia, para assim proceder à análise de seus elementos constitutivos que são símbolos abstratos”.

Para as atividades de *Escrita*, o quadro negro, a cartilha e o caderno de continuam sendo os principais recursos materiais usados pelas professoras e pelos alunos, com o acréscimo do caderno de caligrafia.

¹⁰ O processo da palavração parte do pressuposto de que cada palavra tem uma forma característica, que possibilita o seu reconhecimento, são geralmente escolhidas de forma a apresentar todos os sons da língua e a ordem de dificuldades é geralmente planejada, a fim de possibilitar a aprendizagem rápida, pois a atenção da criança é orientada para as sílabas, letras e sons, ou seja, é realizada a análise das palavras em seus elementos constitutivos (MICOTTI, 1970: 84).

As atividades recorrentes são: cópia no caderno (letras, sílabas, palavras, sentenças, trechos da cartilha, gramática e ortografia), ditado (palavras, sentenças, trechos da cartilha) e caligrafia. De acordo com Mortatti (2000), essas atividades fazem parte de uma tradição escolar de séculos passados. Até a metade do século XIX, essa era uma prática quase exclusiva exercida nas escolas brasileiras, com ênfase na ortografia, na gramática e no desenho perfeito das letras.

Era possível a realização de um número considerável do mesmo exercício diariamente, semanalmente ou ao término de cada unidade de ensino, como forma de fixação, recorrendo-se ao *Ditado*. Esse procedimento era utilizado como meio de comprovação do “saber escrever”.

Por meio da *Cópia* era exercitado o treino do traçado de letras, sílabas, palavras e sentenças, as quais eram copiadas pelo aluno do quadro negro ou da cartilha, como forma de repetição e memorização. Essa proposta de escrita não tinha preocupação com os seus usos e funções sociais.

A *Gramática* era trabalhada durante as conversações e atividades escritas por meio da cópia, utilizava-se da nomenclatura especial, como substantivos próprios e comuns, gênero masculino e feminino, plural e singular, adjetivos, pronomes, artigos e suas classes.

A cópia, o ditado e a caligrafia, eram usados também para as atividades de *Ortografia*, pois o zelo na correção dos erros ortográficos nas escritas diárias dos alunos era uma premissa de bom professor, as escritas sem perfeita correção poderiam desacreditar o seu trabalho. Conforme Vidal e Esteves (2003) a idéia de boa escrita, como hábito de higiene, de disciplina corporal e mental, legibilidade, disposição elegante e estética, foi muito presente na tradição escolar brasileira nas primeiras décadas do século XX.

Os exercícios de *Caligrafia* também faziam parte das atividades de escrita diária. A associação entre caligrafia e ortografia era prevista no âmbito dos programas oficiais para as escolas públicas brasileiras. Conforme Vidal e Esteves (2003: 135) “sua permanência, apontava também para a sintonia dos exercícios caligráficos aos afazeres ordinários da classe, no sentido de manter o aluno ocupado, enquanto liberava a professora para atender outros alunos durante o horário de aula”.

A associação entre caligrafia e ortografia era prevista no âmbito dos programas oficiais para as escolas públicas brasileiras. Esta é uma discussão antiga, no Brasil,

todavia, houve “uma discussão mais acirrada entre 1910 e 1940, sobre a eficácia dos modelos caligráficos que atingiam as escolas primárias, como: Modelo Inclinado, Modelo Vertical e Modelo Muscular” (VIDAL E ESTEVES, 2003: 119). A professora passava o modelo no quadro ou no próprio caderno de caligrafia, para que o aluno procedesse o exercício de cópia. Apenas duas professoras citam em seus diários o modelo caligráfico vertical¹¹, muito utilizado no estado de São Paulo, até 1940.

As formas diferenciadas de apropriação, segundo Chartier (2002), acionam construções, composições, figuras, tentativas de enunciar, de elaborar um discurso o mais aproximado possível daquilo que foi vivenciado na instituição escolar, evidenciando a continuidade da leitura em voz alta “em coro”, a cópia, o ditado e a caligrafia, assim como o movimento de mudança na busca de incorporação do método analítico, materializando-se na adoção de cartilhas que contemplavam lições e atividades para o ensino da leitura e escrita de acordo com as normatizações oficiais.

Considerações finais

Para a concretização da prática de ensino da leitura e escrita, nas escolas isoladas rurais e urbanas mato-grossenses, nas décadas de 30 e 40, as professoras usavam as cartilhas como referência, mas estas nem sempre eram portadoras do método analítico, prescrito no regulamento em vigência no período. Isso porque, segundo Julia (2001), as rupturas culturais nem sempre conseguem romper a idéia da tradição na escola primária.

Assim, a tradição escolar herdada pelas professoras primárias fazia com que a prática do ensino da leitura e da escrita fosse iniciada pelo processo alfabético e silábico¹², por meio da soletração, princípios do método sintético¹³. De acordo com Micotti (1970) este método pode ser empregado também por meio do processo fônico.

¹¹ A defesa do Modelo Caligráfico Vertical teve início em São Paulo em 1910, relacionava-se ao método analítico de ensino da leitura. Anterior a este período, no final do século XIX, o Modelo Caligráfico Inclinado, era o mais recomendado para o trabalho comercial. Seu aprendizado inicia-se pelo traçado de pauzinhos e debuchos, seguido de um laborioso trabalho de cópia. Outro Modelo Caligráfico é o Muscular, que teve início em São Paulo, em 1926, que se desenvolvia com exercícios de coordenação motora, ora ritmados por simples contagem ora por meio de palmas, associados à uma música (VIDAL e ESTEVES, 2003: 129-0).

¹² Essa forma de ensinar direcionada ao ensino do sistema alfabético e ortográfico da escrita, conforme Bregunci (2004: 32) “privilegia o princípio da decodificação, as relações entre fonemas (sons ou unidades sonoras) e grafemas (letras ou grupo de letras) em uma certa progressão de unidades menores (letra, fonema, sílaba) para as unidades mais complexas (palavra, frase, texto)”. Para Braslavsky (1971: 47) no processo alfabético se “ensina o nome das letras e não os sons. Ensina a ler: *ele, eme, esse, jota, pê...*, e por isso, para traduzir a visão das letras que compõem uma palavra ao som da palavra, introduzia-se a soletração”.

Concomitantemente a esta prática, há evidências de atividades nos diários de classe envolvendo sentenças, poesia; descrição de objetos; cantigas e histórias, provavelmente em função da adoção de material instrucional (cartilhas) de acordo com o método analítico, considerado inovador para a época e pedagogicamente significativo para o aluno, prescrito nas normatizações oficiais para o ensino primário mato-grossense no período.

Recorrendo a Arendt (1968) observamos a estreita relação entre tradição e inovação, pois se por um lado, houve a concretização das normatizações vigentes e por outro, a cristalização de práticas na cultura escolar. Do ponto de vista de Forquin (1992: 29) essa prática “perdura vindo a enriquecer o tesouro comum dos homens, aquilo que as gerações produzem de mais forte, de mais original e de mais incontestável, que a escola tem justamente por papel identificar, de consagrar e de transmitir”.

Referencias Bibliográficas

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. **Ensino de Leitura na Escola Primária no Mato Grosso: contribuições para o estudo de aspectos de um discurso institucional no início do século XX**. Marília – SP, 2000. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP.

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Práticas de Leitura em Livros Didáticos. In: **Revista Faculdade Educação São Paulo**. V 22, nº 1, jan/jun, 1996.

BRASLAVSKY, Berta. **Problemas e Métodos no Ensino da Leitura**. São Paulo: Melhoramentos e Editora da USP, 1971.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bijongal. **Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. Organizando as Classes de Alfabetização: processos e métodos. In: **MEC/TV Escola: Salto para o Futuro. PGM 4. Boletim: Alfabetização, Leitura e Escrita**. Março de 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2 ed. Portugal: DIFEL- Difusão Editorial S.A, 2002

¹³ De acordo com o relatório da XII Conferência da UNESCO (1949:25) o ensino pelo método sintético inicia-se com os elementos da língua: as letras ou os sons, focalizados isoladamente ou tomados como parte integrante das sílabas. Daí o aluno realiza a síntese, por meio de exercícios apropriados e sistemáticos, para a decifração e leitura das palavras inteiras, frases ou textos.

CORREA, Rosa Lydia Teixeira. O livro Escolar como Fonte de Pesquisa em História da Educação. In: **Cadernos CEDES 52**. Cultura Escolar: história, práticas e representações. Campinas – SP: Unicamp, 2000.

CORRÊA, Estevão Alves. Presidente do Estado de Mato Grosso. **Mensagem à Assembléia Legislativa**, 1925.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes Escolares, Imperativos Didáticos e Dinâmicas Sociais. In: **Revista Teoria & Educação**. v. 5, 1992.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Sociedade Brasileira de História da Educação – SBHE, 1º n°. Autores Associados: Campinas – São Paulo, 2001.

MATO GROSSO. **Regulamento da Instrução Pública Primária**. Cuiabá, 1927.

MENDES, Francisco Alexandre Ferreira. **Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública referente ao ano de 1942 e 1944**. Impresso.

MIARALET, Gaston. Métodos, Técnicas e Processos. In: **La Apprendissage de la Lecture**. Trad. Eduardo Saló. Press Universidade de France, 2 ed. Editorial Estampa, 1968.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. **Métodos de Alfabetização e o Processo de Compreensão**. Arquivos Rioclarenses de Educação. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro-SP, 1970.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os Sentidos da Alfabetização**. São Paulo: Editora UNESP/COMPED, 2000.

_____. Cartilha de Alfabetização e Cultura Escolar: um pacto secular. In: **Cadernos Cedex**, ano XX, nº 52, nov/2000.

POSSARI, Lúcia Helena Vendrusculo & NEDER, Maria Lúcia Cavalli. **Linguagem: o ensino, o entorno, o percurso**. 2 ed. Cuiabá:EdUFMT, 2001 (v.2)

VIDAL, Diana Gonçalves & ESTEVES, Isabel de Lourdes. Modelos Caligráficos Recorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1920 – 1940). In: TAMBARA, Eleomar. **Livros Escolares e Ensino da Leitura e da Escrita no Brasil (séculos XIX –XX)**. Pelotas: Seiva, 2003.